

AValiação Farmacoterapêutica dos Pacientes Pediátricos de um Setor Oncológico

Charllyane Luiz de Queiroga¹; Adriana Amorim de Farias Leal¹; Rafaella Maia Costa²;
Joycyelly Gomes Abdala³; Patrícia Trindade Costa Paulo²

¹Discente, Iniciação Científica/ Graduanda em Farmácia Generalista/ Universidade Estadual da Paraíba

¹ Farmacêutica, Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba

^{2,3} Discentes, Graduandas em Farmácia Generalista/ Universidade Estadual da Paraíba

²Professora Doutora, Classe Adjunto da Universidade Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba- email: patriciatrindad@yahoo.com.br/ charlly_anne@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O câncer é caracterizado pelo crescimento descontrolado de células anormais que invadem os órgãos e os tecidos adjacentes, o tratamento mais utilizado é com os antineoplásicos, embora traga efeitos adversos indesejáveis. Diante disso, faz-se necessário a análise dos problemas envolvendo os medicamentos nestes pacientes para diminuir a morbimortalidade, e o farmacêutico é o profissional responsável para desenvolver esta atividade. Esta pesquisa tem como objetivo realizar a avaliação farmacoterapêutica nos pacientes pediátricos oncológicos. **Metodologia:** O tipo de estudo foi longitudinal e desenvolvido na oncopediatria do Hospital Universitário Alcides Carneiro, localizado em Campina Grande-PB, no período de Agosto/2015 a Fevereiro/2016. Foram selecionados pacientes pediátricos de ambos os gêneros e realizado um acompanhamento através da metodologia *Subject, Objective, Assessment, Plan (SOAP)* **Resultados:** Foram acompanhados 10 pacientes, destes 3 (30%) eram do sexo feminino e 7 (70%) eram do sexo masculino com uma média de idade de 11 anos, e foi observada a utilização de 22 antineoplásicos, onde tivemos a Vincristina com 18,8%, Citarabina com 13,6% e o Metotrexato com 13,6% dentre outros. Foram encontradas 24 interações medicamentosas, destas 92% apresentaram severidade de efeito grave e 8% de efeito contraindicado. **Conclusão:** Esta pesquisa faz parte de um Projeto maior, que ainda continua em andamento, onde temos apenas resultados preliminares. A partir de agora, serão acrescentados as intervenções farmacêuticas ao corpo clínico, dentre outras atividades. Mas, já observamos resultados positivos, e priorizaremos um acompanhamento eficaz na prevenção e monitoramento dos pacientes pediátricos, buscando um uso seguro e racional dos fármacos.

Palavras-chave: Antineoplásicos; Pediatria; Avaliação Farmacoterapêutica.

INTRODUÇÃO

O câncer é caracterizado por um crescimento autônomo, desordenado e incontrolado de células que ao alcançarem uma certa massa, comprimem, invadem e destroem os tecidos normais vizinhos. O câncer se configura como cerca de 200 doenças distintas, cada uma delas com suas próprias causas, histórico natural e tratamento. O câncer infantil é raro, mas a probabilidade do desenvolvimento desta doença até os 18 anos de idade é de aproximadamente 0,3% (CAGOL, 2009).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), os cânceres mais comuns na infância e adolescência são as leucemias, tumores do sistema nervoso central, os linfomas, neuroblastoma, tumor de Wilms, tumor germinativo, osteossarcoma e sarcomas (SOBOPE, 2015).

O tratamento pode ser composto por sessões de quimioterapia, radioterapia, cirurgia, imunoterapia e

hormonioterapia (SILVA, 2013). O mais utilizado entre os tratamentos é a quimioterapia antineoplásica, que é um tratamento que consiste no uso de substâncias químicas (agentes citotóxicos), isoladas ou em combinação (poliquimioterapia), com o objetivo de tratar as neoplasias malignas (ANDRADE, 2007).

Os paciente em tratamentos de câncer utilizam inúmeros fármacos além dos antineoplásicos, que isoladamente já apresentam várias reações adversas desagradáveis, pois atuam a nível celular, de forma sistêmica, afetando as células normais e assim interferindo no processo de crescimento e divisão (SCHEIN et al., 2006).

Dentre os diversos problemas de saúde pública, estão as reações adversas e interações medicamentosas. Essas interações podem ser positivas ou negativas, algumas resultam na diminuição dos efeitos indesejados, neste caso são benéficas para o paciente, mas em sua maioria essas interações medicamentosas são prejudiciais

ao paciente, pois potencializam as toxicidades dos agentes, e podem ser imediatos ou tardios. A incidência de interações medicamentosas aumenta com a quantidade de medicamentos administrados por paciente, tornando-as relevantes em ambientes hospitalares. De acordo com Secoli et al., 2005, a prescrição de vários medicamentos para um determinado paciente se caracteriza como polifarmácia merecendo uma atenção especial. Estudos mostram que a polifarmácia é um dos agravantes para o aumento de casos de interações medicamentosas e consequentemente pode haver a um aumento no tempo de permanência do paciente no hospital elevando assim o custo do tratamento e por fim podendo conduzir o paciente ao óbito. Diante disso, faz-se necessário a análise dos riscos dos problemas relacionados a medicamentos (PRM) nesses pacientes, observando seu impacto sobre a qualidade de vida dos mesmos e assim diminuindo a morbimortalidade relacionada a medicamentos. Isso se torna

possível ao se realizar o acompanhamento farmacoterapêutico, fazendo-se avaliação das prescrições médicas, quanto a dose, frequência, duração, reações adversas, interações, incompatibilidades dentre outras.

O farmacêutico deve avaliar também a prescrição médica, quanto à quantidade, qualidade, compatibilidade, estabilidade e ser prudente na preparação da terapia antineoplásica, e observar a adequação aos protocolos estabelecidos pela equipe multidisciplinar na terapia antineoplásica (SLAMA et al., 2005).

Além disso, realiza-se intervenções farmacêuticas quando necessárias, no intuito de orientar sobre uma possível complicação do quadro clínico do paciente em questão (ANDRADE, 2007).

Pacientes submetidos a quimioterapia estão sujeitos a diversas toxicidades, além dos antineoplásicos utilizados, fazem uso de um vasto arsenal de medicamentos utilizados em seu tratamento. A atuação do farmacêuticos na equipe

multidisciplinar torna-se ainda mais necessária ao se tratar de pacientes pediátricos, uma vez que esses cuidados devem ser multiplicados, pois os mesmos apresentam uma incidência maior de efeitos extrapiramidais quando comparados com pacientes adultos, e tornam-se mais susceptíveis aos PRMs devido as suas características fisiológicas e clínicas. Diante do exposto é notável a importância do farmacêutico na equipe multidisciplinar de terapia antineoplásica (EMTA), com a responsabilidade de assegurar que a terapia farmacológica indicada para determinado paciente seja adequada, assegurando assim a diminuição dos erros de medicação e a sua racionalidade.

Por estes motivos, este estudo tem a finalidade de realizar a avaliação farmacoterapêutica nos pacientes pediátricos do setor de oncologia hospitalar.

METODOLOGIA

Realizou-se neste uma pesquisa longitudinal, seguindo os aspectos éticos e implicações

legais, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, que aprova as diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) institucional, pelo número do parecer 51770915.7.0000.5187.

A pesquisa foi realizada no setor de oncologia pediátrica no Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), localizado na cidade de Campina Grande-PB, por um período de 6 meses, dos meses de agosto/2015 a fevereiro/2016. Este é um hospital geral e tem capacidade para 198 leitos.

Foram incluídas no estudo, crianças e adolescentes de 0 a 18 anos, de ambos os gêneros, admitidas para internação no setor a partir do início do estudo, cujos pais ou responsáveis aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participar da pesquisa.

Ao longo do estudo, foi realizado um acompanhamento farmacoterapêutico para cada paciente selecionado, através da metodologia *Subject, Objective,*

Assessment, Plan (SOAP), a coleta dos dados foi realizada diariamente nos prontuários. Foram coletadas informações relativas a dados clínicos, medicamentosos, exames realizados, reações adversas e outros. Foi realizado um estudo detalhado e minucioso, identificando os potenciais e/ou reais PRM, após isso foi realizado quando necessário as intervenções farmacêuticas junto ao corpo clínico.

RESULTADOS

Foram acompanhados 10 pacientes pediátricos da ala oncológica de um hospital de ensino, destes 10 pacientes 3 (30%) eram do sexo feminino e 7 (70%) eram do sexo masculino com uma média de idade aproximadamente de 11 anos.

Na figura 1, estão as neoplasias encontradas dentre os 10 pacientes que foram acompanhados, onde 2 pacientes (20%) apresentaram o diagnóstico de neuroblastoma, 1 paciente (10%) apresentou diagnóstico de leucemia mielóide aguda, 2 pacientes (20%) apresentaram o diagnóstico de rabiomiossarcoma, 1 paciente (10%) apresentou o diagnóstico de leucemia linfóide aguda, 1 paciente (10%) apresentou diagnóstico de linfoma não hodgkin, 1 paciente (10%) apresentou diagnóstico de linfoma linfoblástico, 1 paciente (10%) apresentou diagnóstico de linfoma hodgkin e 1 paciente (10%) apresentou diagnóstico de leucemia linfocítica.

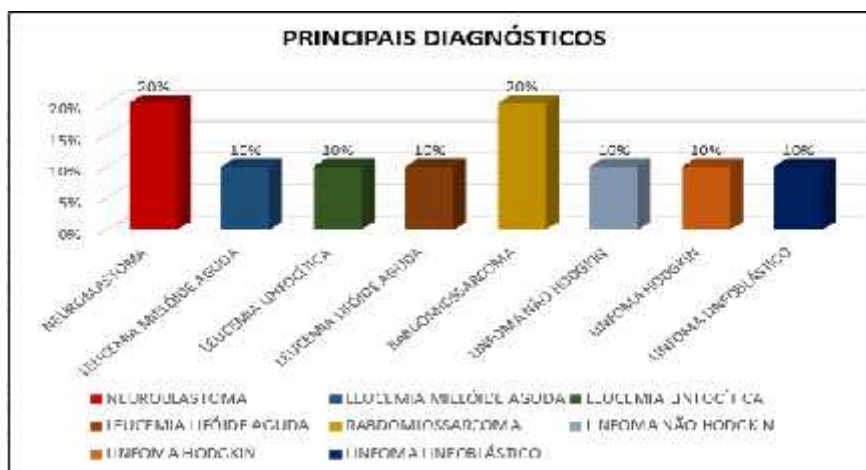


Figura 1: Classificação dos principais diagnósticos encontrados.

O acompanhamento nos prontuários dos 10 pacientes gerou um total de 22 antineoplásicos utilizados pelos mesmos, e que estão listados na Figura 2 a seguir. Dentre os medicamentos utilizados, foi observado um

predomínio no uso do Vincristina sendo assim o medicamento mais utilizado no setor da oncopediatria.

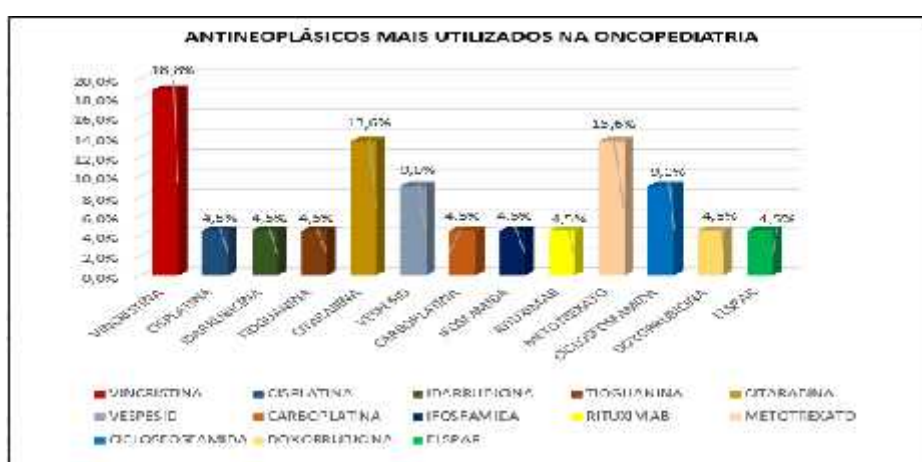


Figura 2: Classificação dos Antineoplásicos mais utilizados

Identificou-se também, um total de 24 interações medicamentosas (ver Figura 3) onde 92% apresentaram interações

medicamentosas com severidade grave e 8% apresentaram com severidade do tipo contraindicado.



Figura 3: Classificação da intensidade dos efeitos das interações medicamentosas

DISCUSSÃO

Diante do estudo realizado, foi possível observar que as neoplasias encontradas nessa amostra são compatíveis com os dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA), onde os cânceres mais comuns na infância e adolescência são as leucemias, tumores do sistema nervoso central, os linfomas, neuroblastoma, tumor de Wilms, tumor germinativo, osteossarcoma e sarcomas (SOBOPE, 2015).

Considerando os resultados

deste estudo, percebemos que a farmacoterapia utilizada para os pacientes da oncopediatria demonstra a utilização de várias classes terapêuticas incluindo os antineoplásicos (SCHEIN et al, 2006). De acordo com Cupertino, A. et al., 2008, a incidência de interações medicamentosas aumenta com a quantidade de medicamentos utilizados e ocorre entre 3% a 5%, chegando a 20% em pacientes hospitalizados que recebem mais de dez drogas, sendo assim nosso estudo

semelhante a ele. Todos os pacientes dessa amostra utilizaram mais de 10 medicamentos concomitantes caracterizando uma polifarmácia, onde a mesma a função de minimizar a sintomatologia do paciente oncológico. No entanto, esta está conexas ao aumentado do risco de aparecer interações medicamentosas, toxicidade cumulativa, erros de medicação, reduzir a adesão ao tratamento e reações adversas a medicamentos (RAM's), com isso eleva-se a morbimortalidade. As interações foram classificadas segundo a intensidade dos efeitos, onde as contraindicadas (são as interações potencialmente letais e que devem ser resolvidas imediatamente) e as graves (são as interações potencialmente ameaçadoras à vida ou capazes de causar danos permanentes) (SILVA, 2013).

CONCLUSÕES

Até agora foram acompanhados 10 pacientes e suas prescrições médicas analisadas com relação ao diagnóstico, o número de medicamentos utilizados além das interações medicamentosas existentes e classificar, esta última,

quanto a gravidade. Esta pesquisa faz parte de um estudo maior que ainda está em andamento, e a partir de agora, serão realizadas as intervenções farmacêuticas ao corpo clínico quando identificados os problemas envolvendo os medicamentos, dentre outras atividades. Priorizou-se um acompanhamento eficaz na prevenção e monitoramento dos pacientes da ala da oncopediatria, buscando um uso seguro e eficaz dos seus fármacos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE M, SILVA S.R.

Administração de quimioterápicos: uma proposta de protocolo de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 60, n. 3, p. 331- 335, 2007.

CAGOL, A.R. **Antibioticoterapia via oral versus endovenosa em crianças com câncer neutropênicas febris**. 90f.

Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

CUPERTINO, A.; MARCONDES, M.

Â.; GATTI, R. M. Estudo retrospectivo das reações adversas e interações medicamentosas na quimioterapia no tratamento do câncer de mama: relato de caso In: **Revista Brasileira de Ciências da Saúde** (2008). Disponível em: file:///C:/Users/Charllyanne/Downloads/356-967-1-PB.pdf. Acessado em: 25/04/2016.

SCHEIN C.F., et al. Efeitos colaterais da quimioterapia em pacientes oncológicos hospitalizados. **Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde**. v. 7, n. 2, p.101-107, 2006.

SOBOPE. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ONCOLOGIA PEDIÁTRICA. **Câncer infantil**, 2015. Disponível em: <<http://sobope.org.br/apex/f?p=106:LOGIN:16280007884426>>. Acesso em 23/04/2016

SILVA, F.C.M.; COMARELLA, L. Efeitos adversos associados à quimioterapia antineoplásica: levantamento realizado com pacientes de um hospital do estado do Paraná. **Revista Uniandrade**, v. 14, n. 3, p. 263-277, 2013.

SECOLI, S. R.; PADILHA, Kátia G. Polifarmácia em leucemia mielóide aguda: administração e interação de medicamentos. **Revista Prática Hospitalar**, 2005; janeiro-fevereiro (vii); 37: 78-85.

SLAMA C., JEROME J., JACQUOT C., BONAN B. Prescription errors with cytotoxic drugs and the inadequacy of existing classifications. **Pharm World Sci**. v. 27, p. 339- 43, 2005.